



Cognitivism Coletivo Virtualizado: Potencialidades para uma Nova Hermenêutica Paedagógica

Paulo da Silva Quadros*

Aportes Cognitivos presentes na Virtualidade

O termo cognição tem sido amplamente empregado para caracterizar como as tecnologias digitais redimensionam a nossa percepção da natureza do mundo, conseqüentemente interferindo na nossa capacidade interpretativa em relação à natureza do conhecimento humano. Sem dúvida, o nosso conhecimento do mundo se reflete no nosso mundo do conhecimento, ou seja, limites interpretativos condicionam nossa visão estreita, e até mutilada e compartimentada, a qual muitas vezes serve de base para compreendermos ou distorcemos o mundo da natureza e o mundo da cultura.

A natureza da complexidade do conhecimento humano exige um pensamento que também seja por natureza complexo, ou seja, um pensamento que incorpore uma dimensão interpretativa a qual esteja mais em sintonia com o próprio movimento da produção do conhecimento humano. Pois, a **ininterruptabilidade** do processo de geração de novos conhecimentos pressupõe a necessidade de novas formas de pensar que procurem acompanhar, de certa forma, o fluxo informacional presente na sociedade tecnocientífica contemporânea.

Pode-se dizer que, o ciberespaço é um espaço crítico de produção de conhecimento em rede. Ou seja, ele não é apenas um espaço de mediação do conhecimento, mas sim um espaço de ruptura da linearidade do conhecimento. Esta percepção é valiosa para podermos compreender a potencialidade do meio digital para o espaço pedagógico presencial e/ou a distância.

Em suas indagações, Lévy levanta três conceitos interpretativos que enfocam o aspecto evolutivo da internet como um meio de confluência híbrida entre tecnologias informacionais e comunicacionais: o ciberespaço, a cibercultura e a inteligência coletiva. Na verdade, o filósofo atualiza as relações existentes entre espaço (lugar), cultura (produção humana) e cognição (percepção, aprendizagem).

* *Tecnólogo em Processamento de Dados pela FATEC-SP, bacharel em Letras pela FFLCH/USP, Mestre em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da USP, doutorando pela Faculdade de Educação da USP. É pesquisador do Grupo Alpha, Grupo de Estudos de Educação a Distância do Núcleo de Educação de Jovens e Adultos – NEA/FEUSP. Já lecionou disciplinas e ministrou diversos cursos na área de formação de professores. Trabalhou em projetos de educação a distância, tecnologias educacionais e requalificação profissional. É atualmente professor-tutor e autor de disciplinas na UVB (Universidade Virtual Brasileira), além de desempenhar outras atividades profissionais na instituição. E ainda articulista da Revista Momento do Professor, publicação especializada da Universidade Anhembi-Morumbi na área de Educação Continuada.*



Desta forma, ele procura deixar claro como estamos diante de um novo processo evolutivo do conhecimento, talvez até sem precedentes na história da Humanidade. Cada elemento é descrito por ele como um passo evolutivo para substanciar o outro posterior. Assim, o ciberespaço define o ponto inicial: a apropriação do novo espaço de conhecimento, de convivência, de contato e de consciência crítica. Após apropriar-se deste meio, os indivíduos passam a desenvolver uma nova cultura, fruto desta nova apropriação: uma nova produção de símbolos, valores, crenças, imagens, etc. Finalmente, tem-se o passo evolutivo mais audacioso: o surgimento de uma inteligência coletiva, ou seja, um processo cognitivo que se fundamenta na percepção adquirida a partir do uso maduro deste novo meio.

A inteligência coletiva nada mais é do que um aporte cognitivo empregado para se compreender o fenômeno da cognição no ciberespaço. Na verdade, o termo inteligência coletiva compreende dois fundamentos essenciais: a inteligência computacional distribuída em rede agregada à inteligência humana distribuída em rede, ou seja, potenciais computacionais a serviço de potenciais humanos coletivizantes.

Cognitivismo Coletivo e Virtualidade

A idéia de uma inteligência coletiva reacende a questão dos estilos cognitivos diversificados. Cada indivíduo é dotado de um potencial cognitivo desenvolvidor da sua capacidade de inteligência singular. Notadamente, algumas pessoas possuem predisposição para aprendizado e estudo individualizados enquanto que outras possuem predisposição para aprendizado e estudo coletivos. De certa forma, muitos psicognitivistas atribuíam maior valor a uma certa predisposição do que à outra. Os construtivistas, por exemplo, valorizaram sempre mais a capacidade do aprendizado individualizado, enquanto que os interacionistas a capacidade do aprendizado coletivo (em grupo ou em comunidade). Destas visões, ecoaram duas propostas de se compreender como o indivíduo constrói sem próprio conhecimento: o construtivismo cognitivo (piagetianos) e o construtivismo social (vigotskianos).

No entanto, com o advento das tecnologias informáticas, também chamadas de tecnologias intelectuais (ou da inteligência) (Lévy: 1996, *passim*), tecnologias cognitivas, semióticas ou ainda simbólicas, esta cisão entre aportes cognitivos provou-se substancialmente equivocada, pressupondo a necessidade de novos referenciais mais evolutivos em termos de abordagem cognitiva. A inteligência coletiva é justamente a tentativa de procurar-se entender a cognição humana como um processo contínuo, incessante, completamente aberto a novas inserções de conhecimentos, ou seja, o movimento rizomático da hipertextualidade da teia da vida em geral, do mundo da cultura e da natureza, e obviamente das redes neuronais de nosso cérebro/mente.

Não obstante, a inteligência coletiva evoca a emergência de um novo cognitivismo: o cognitivismo coletivo virtualizado. Este novo cognitivismo atesta formas diferentes de aprender que exigem por parte tanto dos educadores quanto dos educandos uma nova postura pedagógica. O cognitivismo coletivo virtualizado concebe o espaço do conhecimento como um espaço infinitamente extramural, e globalizado em amplo sentido: quer seja por intermédio dos conteúdos de conhecimentos circulantes e imersos no meio virtual, quer seja por intermédio dos diferentes espaços e tempos interconectados, associados ainda à meta-rede de referenciais de apoio à constante indagação crítica.

Multiperspectivismo, Meta-referencialidade e Multi-referencialidade

Há três elementos-chave para se compreender a essência do cognitivismo coletivo virtualizado: o multiperspectivismo, a meta-referencialidade e a multi-referencialidade. Cada qual evidencia tanto a urgência de se refletir acerca de um novo campo de valores emergentes, quanto o resgate a valores esquecidos, suprimidos por uma cultura social individualista, egocêntrica, hierárquica e intolerante.

O multiperspectivismo valoriza a idéia do pensamento multiperspectivo, ou seja, um pensamento que procure superar a estreiteza e rigidez do pensamento absolutista, inexorável, inflexível, intolerante. O conceito de multiperspectivismo fundamenta-se no perspectivismo de Nietzsche *“segundo o qual toda interpretação é necessariamente mediada pela perspectiva de quem a faz, trazendo, portanto, em seu bojo, inevitavelmente, pressupostos, valores, preconceitos e limitações”* (KELLNER apud QUADROS: 2001, p. 240). Neste sentido, para o filósofo alemão, só seria possível evitar-se a unilateralidade e parcialidade do pensamento por meio do emprego de diversas perspectivas interpretativas de determinado conhecimento. Na verdade, sua visão é uma resposta à crença em torno do conhecimento absoluto, o qual transcenderia a qualquer perspectiva subjetiva que interpretasse o conhecimento humano.

Esta percepção de conhecimento é extremamente valiosa para compreendermos a complexidade de pontos de vista e interpretações que emanam dos espaços de convívio e de ensino e aprendizagem no meio virtual. Nestes espaços, fica bastante claro como não podemos certamente impor uma verdade absoluta em detrimento de outras falsas ou até menores. O consenso, se é que se torna possível, ocorre em razão do fluxo interpretativo coletivizado entre os participantes ao resignificarem constantemente seus valores, crenças, pontos de vista, opiniões e atitudes. Desta forma, a partir dos julgamentos provenientes de diversas perspectivas pode-se levantar algumas perspectivas mais elucidativas com base em certos critérios interpretativos: uma perspectiva ética, outra estética, outra política, uma outra de cunho prático, e outra de teor filosófico. O ideal é sempre a partir da visão multiperspectivística trabalhar-se a idéia de um pensar dialógico e dialético, ou seja, um pensar que potencialize uma partilha entre diferentes pontos de vista enumerados, sem que haja, contudo, a noção de um ponto de vista unificador e dominante em todo processo interpretativo do conhecimento.

Tanto a meta-referencialidade (ou auto-referencialidade) quanto a multi-referencialidade partem do princípio de que o processo de construção do pensamento deve imitar a própria capacidade reprodutiva da vida, ou seja, o pensamento deve ser algo mutável e auto-regenerador.

No entanto, cada uma delas tem suas peculiaridades quanto à forma de empreender o pensamento. A meta-referencialidade pressupõe um pensamento metacognitivo, recursivo, autopoietico. Já a multi-referencialidade *“trata-se do uso, simultâneo ou sucessivo, de múltiplas relações, fontes, conexões, referências para aprofundar um assunto ou caracterizar um modo de pensar ou um tipo de racionalidade”* (ASSMANN: 1998, pp. 166-167). Em outras palavras, enquanto a meta-referencialidade reforça a necessidade de um pensamento que investigue o próprio ato de pensar e conhecer, a multi-referencialidade enfatiza a conjugação de elementos e fontes das quais o intérprete do conhecimento poderá eventualmente se servir para formar sua própria percepção dos fatos e coisas relacionadas.

Na verdade, podemos expandir nossa compreensão destes três conceitos a partir das noções de complexidade, transdisciplinaridade e transversalidade (idem, p. 167). Ou seja, nosso avanço do conhecimento na contemporaneidade englobará sempre métodos e práticas de articular conhecimentos de modos diversos, o que significa um novo olhar, uma nova percepção e sensibilidade para os fatos cotidianos que nos cercam, e dos quais os espaços de ensino e aprendizagem não podem passar com olhares desatentos.

No caminho para uma Nova Hermenêutica Paedagógica

Sem dúvida, as comunidades virtuais são verdadeiros espaços de aprendizagem e de conhecimento amplamente coletivizados. Contudo, a questão fundamental é como potenciar estes espaços a serviço de práticas educativas modernas, sem revestirmos práticas antigas e superadas de novas roupagens mais atrativas, contudo bem ilusórias. A idéia de novo que impregna todo o referencial educativo ao lidar com a tecnologia informática parece ofuscar um aspecto indagativo primordial: novo em relação ao que?

Captar o sentido de inovação pedagógica a partir do uso de novos recursos ou meios pedagógicos ainda é um desafio intenso entre os educadores. Falamos constantemente na produção de novos conhecimentos sem nos ater para um preceito fortemente inquietante: como desenvolver uma pedagogia que acompanhe o ritmo alucinante de tecnologias e meios que se alteram constantemente. Por certo, uma pedagogia desta natureza necessita vislumbrar mais o processo educativo do que a estrutura educacional, pois ela tem de dispor de elementos bem mais flexíveis voltados ao desenvolvimento de propósitos educacionais.

Disto, decorre a necessidade de um novo pensar e agir pedagógicos. Um pensar e agir que interprete melhor a sintonia entre evolução pedagógica e nova sensibilidade cognitiva dos aprendentes.

Uma Nova Hermenêutica Paedagógica diz respeito a considerarmos a idéia de que precisamos resgatar certos preceitos originais da pedagogia e da educação com interconexões indispensáveis com o campo da comunicação. Ou seja, uma nova atitude interpretativa que enlace certos vínculos profundos entre a ação de educar com o processo comunicativo. Talvez, um caminho ricamente reflexivo passe pela inter-relação entre hipertextualidade, interconectividade e transversalidade, de modo a reinterpretarmos nossos conhecimentos, e desta forma, as pontes conceituais entre educação e comunicação se tornem mais óbvias.

Tutoria e Virtualidade

A tutoria virtual pode-se beneficiar muito das indagações propostas neste trabalho de cunho reflexivo, uma vez que sua intenção é arregimentar um referencial elucidativo mais abrangente do que o simples domínio das técnicas tutoriais.

A atividade de tutoria virtual ou a distância prescinde por parte do profissional envolvido certas competências, habilidades e atitudes que decorrem, ao meu ver, não só do conhecimento tecnológico, mas também de conhecimentos educacionais e comunicacionais em constante convergência e hibridizações de aportes e referenciais. Ou seja, um processo que articule teorias comunicacionais com teorias educacionais, bem como processo comunicativo com processo pedagógico. Penso que este movimento reflexivo no campo **educomunicativo** (conjugação mutacional da inter-relação entre o campo da educação com a comunicação) é bem mais fecundo em termos de constituição de novos referenciais adequados às atividades pedagógicas no meio virtual.

Minha experiência leva a crer que, a tutoria virtual torna clara a necessidade de repensarmos uma série de valores educacionais que serão importantes na mediação pedagógica. Um tutor virtual não media apenas conhecimentos e conteúdos curriculares, mas media também angústias, conflitos, desânimos, solidões, intolerâncias, timidez. Um aluno virtual torna-se pró-ativo e participante à medida que seu tutor é capaz de anima-lo constantemente, reencantando-lhe o prazer e o desejo pelo conhecimento, como um sabor profundo que se prova a cada dia, de modo renovado.

Os espaços virtuais empregados por um tutor a distância – fóruns, listas de discussões, chats, etc. – devem servir como espaços críticos para discussões e interpretações focadas e contextualizadas, pois somente assim poderão cumprir seu papel de serem um espaço rico na comunicação de conhecimentos. Os aportes interpretativos apontados neste trabalho, tais como: multiperspectivismo, meta-referencialidade e multi-referencialidade podem ser vistos como ingredientes capazes de animar as inteligências coletivas distribuídas em vários espaços e tempos. Outro vínculo importante é o que se estabelece entre aprendizagem colaborativa e cooperativa, e que pode auxiliar no desenvolvimento dos vários aportes interpretativos apontados, uma vez que a primeira permite abrir o foco do propósito de atividade ou estudo, enquanto que a segunda concentra o foco em um determinado propósito. Conjugadas as duas formas de ensinar e aprender, certamente o aprendizado torna-se mais eficaz, pois assim o aprendente tem tanto a oportunidade de desenvolver atividades bem específicas como também a de desenvolver atividades mais reflexivas, nas quais a acuidade e a meditação são fundamentais.



Bibliografia

ASSMANN, Hugo. **Competência e sensibilidade solidária. Educar para a esperança.** Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação. Rumo à sociedade aprendente.** Petrópolis: Editora Vozes, 3ª edição, 1999.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva. Por uma antropologia do ciberespaço.** São Paulo: Edições Loyola, 3ª edição, 2000.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1998.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

QUADROS, Paulo da Silva. Cibernética pedagógica na era das redes: a ótica da educação digital na contemporaneidade. **Dissertação de Mestrado.** São Paulo: ECA/USP, 2001.

QUADROS, Paulo da Silva. Em busca de uma pedagogia em rede. **Redemoinhos – Informativo Digital da Cidade do Conhecimento/IEA-USP – ano II, no. 12, 16 a 31 de agosto de 2002.** Internet: <http://www.bb.com.br/appbb/portal/bb/unv/art/ArtigoCompl.jsp?codigo=338>.

SANTAELLA, Lucia. **Cultura e artes do pós-humano. Da cultura das mídias à cibercultura.** São Paulo: Paulus, 2003.